



História (São Paulo)

ISSN: 0101-9074

revistahistoria@unesp.br

Universidade Estadual Paulista Júlio de
Mesquita Filho
Brasil

SCHAPOCHNIK, Nelson

COMÉRCIO E SOCIABILIDADE LIVRESCA: o Rio de Janeiro British Subscription Library,
1826-1890

História (São Paulo), vol. 35, 2016, pp. 1-32
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
São Paulo, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=221049589024>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

COMÉRCIO E SOCIABILIDADE LIVRESCA:

o Rio de Janeiro British Subscription
Library, 1826-1890

*Trade and bookish sociability: the Rio de Janeiro British Subscription
Library, 1826-1890*

Nelson
SCHAPOCHNIK

Universidade de São Paulo
(USP)

nschapo@uol.com.br

RESUMO

Este ensaio traça uma história institucional do Rio de Janeiro British Subscription Library, implantado por comerciantes britânicos radicados na cidade do Rio de Janeiro em 1826. Por meio da “democracia da subscrição”, eles forjaram um espaço que conjugava os imperativos da sociabilidade e da leitura. O exame dos catálogos publicados em 1842 e 1882 permitiu compreender algumas características do acervo, com especial atenção para as rubricas identificadas com a cultura literária ali reunida. Por meio de relatos de viajantes e de artigos publicados em periódicos anglo-brasileiros foi possível traçar algumas representações da associação e dos seus frequentadores.

Palavras-chave: Rio de Janeiro British Subscription Library; Leitura; Comércio; Sociabilidade; Literatura.

ABSTRACT

This essay provides an institutional history of Rio de Janeiro Subscription British Library, established by British merchants settled in the city of Rio de Janeiro in the year 1826. Through the “subscription democracy”, they forged a space that wedded the imperatives of sociability and reading. The examination of the catalogues published in 1842 and 1882 enabled us to understand some features of the bibliographical collection, with particular attention to the items identified with the literary culture gathered there. Through travelers’ reports and articles published in Anglo-Brazilian journals was possible to draw some representations of the association and its members.

Keywords: Rio de Janeiro British Subscription Library; Reading; Trade; Sociability; Literature.

De acordo com a ata lavrada num velho caderno capeado em couro, numa terça-feira, primeiro de agosto de 1826, cento e cinquenta cidadãos britânicos estabelecidos na cidade do Rio de Janeiro reuniram-se nas dependências do Hotel Imperial. O intuito dessa reunião, tão logo convertida em assembleia geral, era formalizar a criação de uma instituição designada Rio de Janeiro British Subscription Library. O documento, bastante conciso, fixava de maneira claríssima um estatuto mínimo para o funcionamento daquela sociedade cujo objetivo, expresso no artigo primeiro, consistia em “obter as obras mais populares em idioma inglês, em benefício dos assinantes”. Ainda no mesmo documento, seu artigo 8º estipulava que “todos os livros comprados na instituição serão em idioma inglês”.¹

A leitura do estatuto permite estabelecer afinidades entre aquela instituição e as chamadas “sociedades voluntárias” estudadas por R. J. Morris no contexto da formação das elites urbanas britânicas. Conforme sublinha o pesquisador inglês, apesar da diversidade de propósitos (“ajuda aos pobres, assistência médica, reforma moral, ordem pública, educação e poupança, difusão da ciência e da cultura e organização do lazer”), forma, tamanho e número de associados, essas associações adotavam uma característica institucional que ele denominou “democracia da subscrição”.² A lógica voluntarista que presidiu os esforços associativos dos membros do Rio de Janeiro British Subscription Library também se pautava por esse procedimento, posto que o artigo 6º do estatuto mínimo estabelecia que o interessado em se associar deveria arcar com “o pagamento da importância de vinte mil réis de joia, para formar um fundo para a compra imediata de livros e outras despesas relativas a formação da instituição, e ainda, desembolsar uma taxa estipulada em doze mil réis relativa à assinatura anual”.³

A adoção desse princípio organizativo conferiu uma peculiaridade ao gabinete de leitura. Concebido como uma instituição formal que propiciava determinado tipo de ócio regrado, esse espaço de sociabilidade se distinguia tanto do caráter comercial, público e aberto do café ou taberna, quanto dos rituais de apresentação, da etiqueta no vestir, das hierarquias a respeitar, das convenções exigidas nos salões aristocráticos.⁴ Mediada pela contribuição financeira exigida de cada subscritor, pelo protocolo linguístico simultaneamente excludente e identitário que permitia a participação nas assembleias e nas tertúlias, como também garantia o acesso à leitura das obras dispostas na biblioteca, a associação logo se converteu em um círculo misógino que poderia arrefecer a sensação de isolamento e transitoriedade experimentada pelos subscritores.

Convém sublinhar que a organização da biblioteca cumpria uma finalidade distinta das demais instituições que integravam a rede de entidades associativas implantadas pela comunidade britânica no Rio de Janeiro. Enquanto o British Subscription Library procurava implementar um tipo de lazer que assegurasse o acesso à cultura científica e literária nacional, a Sociedade Inglesa de Beneficência (British Benevolent Fund) procurava satisfazer as necessidades de amparo social por meio da filantropia. Por sua vez, a liberdade de culto

assegurada pelo Tratado de 1810 permitiu a construção da Igreja Episcopal Britânica (British Church Fund), estabelecida à Rua dos Barbonos, como também as restrições para o enterramento de estrangeiros que não professassem a religião católica acarretaram o estabelecimento do Cemitério dos Ingleses (British Burial Ground Fund), na Praia da Gamboa.

Um forte argumento para a organização dessa biblioteca associativa pode ser encontrado nos comentários do Reverendo Charles Samuel Stewart acerca dos fazeres ordinários dos estrangeiros na cidade do Rio de Janeiro. A primazia do mundo do trabalho sobre atividades de lazer, o estranhamento frente aos hábitos da população, a desorganização do espaço público urbano e a carência de lugares que propiciassem encontros suscitaram notas incisivas nos seguintes termos:

O Sr. Dick Cunyngham diz-me que nunca conseguiu realizar um jogo e lamenta o caráter insociável da sociedade do Rio e sua aversão a todos os tipos de exercício, o que o deixa ainda mais perplexo por ter vivido dez anos na Índia e de maneira tão ou mais prática do que o faz comigo. E os brasileiros do Rio não parecem melhores do que o estrangeiro inglês: não existe *Park*, nem *Prado*, nem *Prater*, nem lugar ao ar livre ou mesmo coberto para reunião em todo o centro ou nos subúrbios, e pouquíssimas são as reuniões ou festas particulares. Não existe sequer um café ou restaurante decente com cadeiras nas ruas ou ao ar livre, ao contrário do que acontece em qualquer cidade da Europa meridional ou central. As pessoas parecem viver apenas para o trabalho – e não fazer mais nada (STEWART, 1833, p. 75).

Diante deste estado desolador relatado pelo Reverendo Stewart no que tange às opções de lazer na sociedade fluminense, fica mais fácil compreender a adesão dos cidadãos britânicos ao apelo para a participação na assembleia de fundação do gabinete de leitura. Portanto, não causa estranhamento que muitos dos aspectos elencados na assembleia inaugural – como, por exemplo, a escolha dos livros, o padrão de encadernação conveniente, a nomeação do bibliotecário e dos agentes responsáveis pela aquisição das obras, o local mais apropriado para o funcionamento da biblioteca e sala de leitura, a formatação do catálogo, as providências necessárias para obter a isenção de taxas para os livros, a imposição de multas e a delimitação do período de empréstimo – fossem deixados para serem determinados pela futura diretoria num momento mais oportuno.

Posteriormente submetido a revisões, discutidas nas assembleias da instituição, o estatuto mínimo balizou as principais diretrizes que garantiram a sobrevivência inicial da associação. Cerca de duas semanas após a fundação, a diretoria deliberou sobre aquilo que seria oferecido à leitura dos subscritores. Embora não tenha sido registrada justificativa alguma, a opção foi a de iniciar o acervo com a assinatura de periódicos e revistas, acrescentando-se que brevemente estariam à disposição dos assinantes: *Edinburgh Review*, *London Quarterly Review*, *New Monthly Magazine*, *Blackwood's Magazine*, *Edinburgh Monthly*, *Westminster Review*, *Magazine of Ireland*, *Dumfries Magazine*, *Ackermann's Repository*, *Literary Gazette*, *Kaleidoscope*, *Pamphleteer*, *Edinburgh Journal of Science*, *Philosophical Journal*, *Scientific Review*, *The Oriental Herald*.⁵

Se a composição dos fundos da biblioteca esteve inicialmente limitada aos periódicos, por volta do final dos anos 20, a extensão e a variedade do acervo impressionaram o missionário Robert Walsh. Numa nota entusiástica, ele registrou o sucesso do empreendimento nos seguintes termos: “Há pouco tempo criaram uma biblioteca circulante com um bom estoque de todas as recentes publicações da Europa. Possuem também um jornal (*Rio Herald*) que acredito agora estar suspenso” (WALSH, 1985, p. 198).

A leitura do livro de atas das reuniões permite compreender a existência de duas modalidades distintas de hierarquias internas na instituição. A primeira delas, de caráter vertical, diz respeito à composição do seu quadro diretivo, que compreendia ao menos três cargos: o presidente, o secretário e o tesoureiro. Esses postos foram estabelecidos na reunião de fundação e para cada qual foi estipulada uma esfera de atuação. Para além da distinção hierárquica e funcional, vigorava uma similaridade que reforça o caráter voluntário da associação, isto é, todos os membros ativos que compunham o quadro diretivo não eram remunerados.

Chama a atenção o fato de que o honroso cargo de presidente da instituição, via de regra, cumpria um papel basicamente figurativo, abrindo as sessões ordinárias e extraordinárias ou lendo atas previamente elaboradas pelo secretário, conquanto tivesse “voto de qualidade” nas ocasiões necessárias. Embora o postulante ao cargo de presidente tenha sempre sido chancelado pelo processo eleitoral, não raro ele foi preenchido pelo membro de mais alto *status* da comunidade. É importante ressaltar que tal qual as instituições similares fundadas na Grã-Bretanha neste período, o British Subscription Library foi projetado para atingir os seus objetivos sem contar com a ajuda governamental (MORRIS, 1983, p. 96). Daí a ausência de representantes do corpo diplomático ou de algum representante da autoridade legal. Especialmente no que tange ao cargo de presidente, ele foi, na maioria das vezes, ocupado por comerciantes enriquecidos ou por dirigentes da Igreja Episcopal Britânica (British Church Fund), do Cemitério dos Ingleses (British Burial Ground Fund) e da Sociedade Inglesa de Beneficência (British Benevolent Fund).

Ao secretário cabiam funções bem mais trabalhosas e que, de certa maneira, garantiam o bom funcionamento da instituição. Para ilustrar a pluralidade das atribuições, ele foi incumbido de negociar com o proprietário do Exchange Hotel o contrato de locação, no valor de 600\$ réis anuais, relativo às dependências do British Subscription Library, de pesquisar e contratar uma tipografia para preparar o catálogo da biblioteca “que não poderia ser impresso nesta cidade por menos de 100\$ réis”, de contatar os agentes livreiros de Londres para o envio dos títulos solicitados pelos associados e pela direção, de repassar as ações daqueles sócios em débito com a instituição.⁶ Também era seu atributo fazer publicar na imprensa carioca os informes necessários para o bom funcionamento da associação, como se pode constatar nos anúncios reproduzidos abaixo:

Pelo presente informo o vencimento das assinaturas semestrais do Rio de Janeiro British Subscription Library e se não for pagantes ou até o próximo dia 15, serão efetuadas multas de acordo

com os Regulamentos. Samuel Norris, Secretário (JORNAL DO COMMERCIO, 08/01/1846, p. 4).

Os proprietários do British Subscription Library são convidados a participar da Assembleia Geral, a realizar-se na sala de leitura, na segunda-feira, no próximo dia 19, às 11 horas. Rio, 16 de janeiro de 1857, R. Francis, Secretário (JORNAL DO COMMERCIO, 18/01/1857, p. 4).

O tesoureiro, por sua vez, era o responsável pela escrituração financeira e por uma série de operações contábeis que incluíam a gestão da receita oriunda das subscrições (recebimento das joias, anuidades e multas) e o compromisso de saldar as despesas necessárias para a manutenção da associação (aluguel, conta de gás, pagamento dos fornecedores e taxas municipais), além de preparar o balanço e o relatório financeiro divulgado nas assembleias anuais. Embora não fizesse parte do núcleo diretivo da associação, o posto de bibliotecário foi ocupado por diferentes colaboradores que respondiam pela verificação da ordem dos livros nas estantes, pelo controle do fluxo de empréstimos e devoluções e também por zelar pela manutenção do decoro e do silêncio exigido nas dependências da sala de leitura.

A segunda modalidade hierárquica, de caráter horizontal, foi implementada alguns anos após a fundação do British Subscription Library e previa a discriminação de duas categorias de associados: a de "proprietários" e a de "não-proprietários". O primeiro agrupamento deveria arcar com o pagamento de uma joia no valor de 20\$ réis, empregados na formação e ampliação do acervo e para os gastos ordinários da associação, além de uma taxa anual de 12\$ réis. A contrapartida financeira conferia ao "proprietário" o exercício do direito de voto na assembleia, podendo dessa maneira interferir nas decisões, apresentar propostas e, até mesmo, se candidatar ao quadro diretivo. Já o segundo agrupamento teve a sua assinatura semestral reduzida de 14\$ para 12\$ réis e, como contrapartida, o seu poder de voto foi cassado. Isto implicou que o "não-proprietário" poderia tão somente usufruir do serviço de empréstimos da biblioteca e a frequentação da sala de leitura. Embora acolhida pela maioria dos associados, essa disposição suscitou um "caloroso debate" (*warm debate*).⁷

Uma vez que o *Minute Book* se limita ao registro das atas de reuniões e assembleias realizadas no período de 1826-1832, foi necessário buscar nos anúncios publicados no *Almanak Laemmert* e eventualmente nas páginas do *Jornal do Commercio* as informações que permitiram recompor o quadro diretivo da associação. Parece importante registrar que, embora os estatutos do British Subscription Library previssessem a prática do rodízio anual nos diferentes cargos que compunham os quadros da diretoria, a tabela abaixo mostra certa tendência à permanência de alguns associados e até mesmo ao acúmulo de funções.

Quadro 1 - British Subscription Library: Diretoria/1826-1888

ANO	PRESIDENTE	TESOUREIRO	SECRETÁRIO
1826	Stewart Ruthven McKay		
1831		Adam Hogg	Robinson
1832	Vibert	Southam	Robinson
1842	Vibert	Southam	JORDAN CREWSE
1846			SAMUEL NORRIS
1850			S. M. WADDINGTON
1851	Frederico Benjamin	Thomaz J. Tovey	HENRIQUE WHITTLE
1852	Diogo MacGrowther	Henrique Chrisholm	WILLIAM MORRISSY
1853-1855	F. Morphew	F. Morphew	GEORGE L. HALL
1856	Rev. George Graham	Rev. George Graham	HENRY MILLER
1857	Richard Francis	Richard Francis	HENRY MILIER
1858-1859	Rev. George Graham	Rev. George Graham	RICHARD FRANCIS
1860-1862	Henry Miller	Henry Miller	W. P. CAMPBELL
1863	Joseph Fry	William C. Carré	THOMAZ F. TOVE
1864-1865	J. U. Naylor	Collin Mckenzie	R. W. GARRET
1866	William Ford	Collin McKenzie	R. W. GARRET
1867	William Wilson	M. Carroll	MARINE T.W. CHANDLER
1868-1869	A. Whittle	Rob. Duncan	E. STEWART
1870-1871	Rev. George Henry Preston	Albert Tootal	R. W. GARRET
1872	Rev. George Henry Preston	Charles Schwind Jr	R. W. GARRET
1874-1875	E. W. May	Andrew Muir	R. W. GARRET
1876	Andrew Muir	-	R. L. HYDE
1877-1880	Andrew Muir	H. R. Brodie	R. L. HYDE
1881-1882	Andrew Muir	Andrew Paterson	R. L. HYDE
1883-1884	-	Alfred F. Youle	JAMES S. BENEST
1885-1888	Rev. F. Young	Edward J. Smart	Geoffrey E. Cox

Fontes: MINUTE BOOK, 1826-1832, v. 1, 1826-1832; JORNAL DO COMÉRCIO, 1842, 1846; ALMANAK LAEMMERT, 1846-1888.

Ainda que lacunar e não permita especular acerca das dimensões do círculo de associados, o quadro acima fornece algumas pistas para compreender a composição socioprofissional dos membros do British Subscription Library. Entre os ocupantes da presidência, como já foi exposto, destacam-se os reverendos da Igreja Episcopal Britânica e “negociantes estrangeiros”, conforme designação empregada na listagem do *Almanak Laemmert*. Nos demais cargos, a presença hegemônica de comerciantes também é rei-

terada pelas informações fornecidas pelo referido almanaque. Sob esta rubrica genérica aparecem “negociantes estrangeiros” (Adam Hogg, Vibert, Diogo MacGrowther, Andrew Muir, W. Morrissy, Charles Schwind Jr, Joseph Forest Fry, Richard Francis, J. U. Naylor, Henry Miller), “agentes comerciais” (John Moore), “negócio de agências e comissões” (Albert Tootal), “consignação de gêneros estrangeiros” (E. W. May), “comércio de exportação e importação” (William Ford), “corretor de mercadorias” (Geoffrey E. Cox), “fábrica, depósito e lojas de café torrado” (Alfred F. Youle). É importante sublinhar que a esfera de atuação desses membros da diretoria não se restringia às atividades comerciais. Não raro, alguns deles atuaram como avalistas de empréstimos, fornecedores de créditos e se associaram com membros da comunidade luso-brasileira para financiar outras atividades econômicas (exportação de café, empresas de navegação, companhias de seguros) ou ainda na implantação de infraestrutura urbana. Neste caso, o secretário Jordan Crew se figurou como “inspetor-revisor” do *London & Brazilian Bank*; o sócio John Moore também apareceu na lista do almanaque identificado como “banqueiro”; a instituição acolhia no seu quadro diretivo as presenças do administrador (Collin McKenzie) e do engenheiro (James S. Benest) da *Rio de Janeiro City Improvements Company Limited*.

Se, por um lado, a admissão na associação poderia conferir prestígio e reconhecimento aos membros de mais baixo *status* da comunidade britânica, por outro lado, a necessidade de buscar suporte financeiro para garantir a manutenção do empreendimento, isto é, angariar novos sócios e subscrições, favorecia a adoção do patronato como estratégia para o preenchimento do quadro diretivo. Dessa maneira, alguns dos postos foram ocupados por figuras ilustres ou cuja reputação passava pela experiência e consagração obtidas nos cargos e atividades desenvolvidas em outras sociedades voluntárias e profissionais. A aplicação desse procedimento é evidente no caso dos membros do clero que ocuparam a diretoria da instituição e de forma tácita também foi empregada por outros tantos dirigentes que ocuparam de maneira simultânea, ou não, postos e cargos no *British Burial Ground* (Henry Miller), na *British Church Fund* (Charles Schwind Jr), no *British Amateur Athletic Association* (H. R. Brodie e Geoffrey E. Cox) e na *Associação Comercial do Rio de Janeiro* (Albert Tootal).

De certo, as doações não só colaboraram para a aquisição de novas obras para o acervo ou ainda para a manutenção ou compra de itens destinados ao conforto dos associados, como também funcionavam enquanto estratégia de promoção pessoal. Neste caso, as virtudes e atos de generosidade contribuíam para a atribuição de uma aura dignificada em torno do doador; assim, por meio desse exemplo positivo instigava a reprodução desse gesto entre outros membros da comunidade britânica. O encerramento das atividades comerciais no Rio de Janeiro e o retorno para a Grã-Bretanha constituíram-se em um momento privilegiado para a fixação da imagem de benevolência, conforme podemos acompanhar na notícia divulgada no *The Anglo-Brazilian Times*.

A Biblioteca Britânica daqui recebeu, através da John Moore and Co. do Sr. Colin McKenzie, quando ele deixou o Rio, uma doação

de cem mil réis. Embora manifestasse assim o seu apreço por uma instituição que é bem grande para a população de fala inglesa que vive aqui, o Sr. Mckenzie indicou ao mesmo tempo como outros membros mais velhos da Biblioteca Britânica poderiam, de maneira elegante e vantajosa, ajudar uma instituição tão valiosa. A biblioteca é autossuficiente, mas uma ajuda adicional permitiria aumentar os seus suprimentos de literatura atual, tornando-a assim mais atraente e mais útil para a população residente, excluída aqui de muitos dos entretenimentos sociais e intelectuais de que pode desfrutar em casa (THE ANGLO-BRAZILIAN TIMES, 09/04/1880, p. 2).

Da mesma maneira que as lacunas na documentação produzida pela instituição não permitem contabilizar ou mesmo inferir a quantidade de associados, não foi possível compreender a razão para os sucessivos deslocamentos da instituição ou tampouco saber se ela constituiu sede própria. Ao longo de sua peregrinação por diferentes tipos de imóveis (salas comerciais, quartos de hotel, residências), constatou-se que, de tempos em tempos, todo o aparato funcional composto por estantes, livros, mesas, cadeiras, objetos decorativos e demais itens que garantiam o conforto para a leitura dos associados e dos assinantes eram remanejados para outras dependências nem sempre dimensionadas para realocar todos os equipamentos.

No intuito de facilitar a percepção dos deslocamentos da instituição, indico no quadro abaixo os endereços, conforme anúncios publicados no *Almanak Laemmert* e no *The Rio News*:

Quadro 2 - Localização do British Subscription Library

Período	Endereço
1826 - 1832	Largo do Paço, 14
1844 - 1850	R. das Violas, 38
1851	R. da Quitanda, 143
1852 - 1853	R. do Sabão, 3 (2º and.)
1854 - 1862	R. Direita, 48 (2º and.)
1863 - 1866	R. Direita, 44
1867 - 1872	R. da Quitanda, 157
1874 - 1877	R. de São Pedro, 55
1878 - 1887	R. do Ouvidor, 48 (2º and.)
1887 - 1892	R. dos Ourives, 35 (1º and.)

Fonte: *Almanak Laemmert*, 1844-1890; *The Rio News*, 1882-1890.

Salvos os intervalos de 1851-53, 1863-66 e de 1874-77, todas as demais locações se estenderam por um período igual ou maior ao de cinco anos. Assim como é possível verificar uma regularidade temporal nos deslocamentos da instituição, provavelmente em decorrência de contratos, também se constatou que todas as indicações arroladas se cir-

cunscrevem no perímetro central da cidade, em uma área que concentrava a alfândega, a praça do comércio, trapiches, armazéns de atacadistas e lojas diversas. Dessa maneira, apesar das sucessivas mudanças, a sede da biblioteca associativa se encontrava na maioria das vezes na proximidade dos respectivos locais de trabalho.

Os anúncios publicados no *Almanak Laemmert* permitiram recompor o quadro do horário de funcionamento da instituição. As informações obtidas são as seguintes:

Quadro 3 - Horário de funcionamento

Período	Horário
1844 – 1851	9 às 20h
1852	10 às 18h
1853 – 1855	9 às 12h
1856 – 1862	9 às 12h, 14 às 17h
1863 – 1866	6 às 22h
1867 – 1869	9 às 21h
1870	8:30 às 12h, 15 às 18h
1871 – 1875	8:30 às 11h, 14 às 18h
1876 – 1884	14 às 18h (dias úteis) e 13 às 17h (sábados)
1885 – 1888	12 às 18h (dias úteis) e 13 às 17h (sábados)
1889 – 1892	12 às 18h

Fonte: *Almanak Laemmert*, 1844-1892.

Chama a atenção que somente no período compreendido pelos anos 1844-1851 e 1863-1869 a instituição tenha franqueado suas dependências aos associados para além das 18 horas. A limitação do horário de abertura e encerramento das atividades, em grande medida ajustado ao horário de funcionamento do comércio e das repartições públicas, parece sinalizar que a biblioteca não dispunha de funcionários contratados para o cumprimento dessas tarefas, mas dependia da ação voluntária de algum associado e dos membros do corpo diretivo. Acrescente-se ainda que a opção pelo funcionamento nos turnos matutino e vespertino poderia indicar uma deliberada estratégia de poupar os custos com a iluminação e maximizar as possibilidades advindas da insolação natural. Finalmente, não deve ser desprezado o fato de que grande número dos membros do British Subscription Library era representado por negociantes e proprietários de estabelecimentos comerciais, o que supostamente lhes conferia algum grau de autonomia para frequentar as dependências da associação e para retirar livros ao longo do horário comercial.

Por sua vez, o viajante Robert Elwes apresenta um argumento bastante plausível para ponderar acerca do restrito período de funcionamento da biblioteca. Segundo ele, “não

existe muita vida social para um estrangeiro no Rio de Janeiro, já que os residentes ingleses convivem muito pouco com os cidadãos locais [...] Outro problema é que os ingleses, vivendo sobretudo no campo, a uma distância de quatro ou cinco milhas, saem da cidade após o trabalho e voltam para casa" (ELWES, 1854, p. 51). Mais uma vez, o argumento sobre a ausência de interação e convívio entre os membros da comunidade britânica motivada pela obsessão do trabalho se junta à informação preciosa acerca da preferência deste grupo em morar nas zonas mais afastadas do centro, reproduzindo nos trópicos o estilo de vida identificado com as residências campestres. Essa opção pela busca de lugares de clima mais ameno em função da altitude e da existência de cobertura vegetal também encontrava respaldo no discurso médico-higienista que identificava nos pântanos, mangues e na zona mais baixa da cidade, os focos de doenças e contaminações decorrentes da emanção de miasmas.

Como já foi exposto, o tipo de sociabilidade desenvolvida nas dependências do British Subscription Library contrastava com a oralidade e o recitativo dos salões da aristocracia brasileira. O seu caráter privado e não lucrativo o afastava da convivialidade preconizada nos cafés, embora a leitura de jornais associada ao hábito de fumar e beber não fosse interdita. O tipo de prática social que se desenvolveu ali apresentava laços de proximidade com as sociedades recreativas (euterpes, clubes e sociedades literárias). Decerto, o grupo de subscritores não era homogêneo e muito provavelmente apresentava cisões políticas, religiosas e *status* diferenciado, mas compartilhava um espaço de sociabilidade que em última instância se legitimava pelo enraizamento e difusão da cultura letrada. Entretanto, ao estimular a discussão e o debate entre os associados por meio da leitura de livros, revistas e jornais que forneciam elementos para vulgarização e ampliação de saberes e valores, instauravam-se entre os seus membros processos de diferenciação que colaboraram para forjar a consciência de uma classe média urbana.

Esses diferentes graus de contraste e de aproximação entre os círculos e instituições associativas frequentadas pela comunidade britânica na cidade do Rio de Janeiro não se desenvolveram com intensidade e constância, mas variaram de acordo com as conveniências e compromissos. Essa história descontínua é evidenciada no registro de um comerciante que viveu no Rio de Janeiro nos anos 40 e que ao retornar, em meados dos anos 70, se deparou com alterações profundas no que diz respeito aos espaços de frequência de alguns dos membros da comunidade britânica.

Quando morei aqui, nos anos de 1848 e 1849, havia muita sociabilidade – pelo menos entre os residentes ingleses –, mas isso parece ter acabado, e mesmo as visitas formais são raras. A única sociedade digna desse nome existente no Rio é aquela associada ao círculo diplomático, que tem, naturalmente, um caráter mais ou menos exclusivo. Convém mencionar, não obstante, uma instituição na qual constatei uma grande mudança para melhor. Refiro-me à Igreja Inglesa. Aplicou-se muito dinheiro nesse edifício, totalmente arrecadado mediante subscrições privadas, e certamente ele foi bem empregado. O local construído para a mesa de comunhão é excelente, e o órgão está bem localizado, alinhado com o corpo da

igreja. Há um bom coro, as acomodações são completas e todo o serviço é feito com eficiência. O Reverendo Sr. Preston é capelão (BURKE; STAPLES, 1884, p. 41).

De qualquer maneira, seja em função de dispor de uma sede social capaz de acolher eventos, seja pelo seu papel simbólico perante o conjunto mais extenso dos membros da comunidade britânica estabelecida na cidade do Rio de Janeiro, o British Subscription Library foi indicado como o espaço para a realização de assembleias e reuniões de outras associações e de eventos celebrativos. É o que se pode constatar nas convocações publicadas na imprensa fluminense, reproduzidas abaixo:

Informamos que uma assembleia geral será realizada na British Library dia 24, às 16h30, com a finalidade de eleger novos membros e tratar de outros assuntos ligados ao Rio British Cricket Club. Por ordem do Comitê, William S. King, Secretário (THE ANGLO-BRAZILIAN TIMES, 24/08/1865, p. 4).

Os Residentes Britânicos são convidados a comparecer à reunião que se realizará nesse dia às 11 horas, nas Salas do British Subscription Library, com o objetivo de considerar uma forma de recepção a ser dada a Sua Majestade Real o Príncipe Alfred, duque de Edimburgo, cuja chegada ao porto do Rio de Janeiro é esperada para 3 de julho de 1867 (DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO, 3/07/1867, p. 4).

A Assembléia Geral anual da British Benevolent Society se realizará no British Subscription Library no próximo Sábado, dia 26, às 13 horas, quando o Relatório Annual e o Balanço das Contas serão apresentados assim como o Comitê eleito para os doze meses seguintes. É solicitado o comparecimento dos assinantes (THE ANGLO-BRAZILIAN TIMES, 24/08/1882, p. 3).

Aproximações do acervo por meio dos catálogos

De acordo com as disposições estatutárias, a finalidade do British Subscription Library era fomentar a prática da leitura. Para tanto, era necessário proporcionar aos associados acesso a impressos de natureza e gênero variados. Como se viu, a opção inicial foi a de apelar para a assinatura de jornais e revistas que condensavam e mesclavam extensos campos do conhecimento aos quais se juntavam textos opinativos sobre as questões políticas de atualidade.

Todavia, na mesma reunião em que foi definido o elenco de periódicos que seriam assinados pela instituição, os subscritores presentes aprovaram algumas diretrizes que contribuíram para forjar o acervo. A primeira delas dizia respeito ao montante de recursos que seria investido na aquisição dos artefatos textuais e, assim, ficou estabelecido um fundo mensal de doze libras. A seguir, foi acordado que esta verba seria disponibilizada aos agentes londrinos Smith & Elder, que passariam a ser os responsáveis pela compra e envio de periódicos e de livros. A prerrogativa obtida pelos agentes londrinos se assentava na respeitabilidade conquistada no mercado livreiro, à qual deve ser acrescida a atuação na área editorial e, não menos importante, por oferecer um pequeno desconto.⁸ Finalmente, foi estabelecido que, no caso das “obras populares”, elas deveriam ser enviadas em “duas, três

ou quatro coleções, uma das quais encadernada uniformemente e as demais com capa de papelão”.⁹ Esta última determinação implicitamente fornece um indício sobre os modos de distribuição e utilização do acervo, isto é, as coleções encadernadas deveriam permanecer nas estantes da instituição enquanto as demais coleções sob o padrão da brochura estariam acessíveis aos subscritores para consulta na sala de leitura da instituição ou ainda para o empréstimo doméstico.

Desafortunadamente, as atas das reuniões do British Subscription Library apresentam uma grande lacuna que impede o conhecimento do processo de incorporação de novas obras (seja por doação, seja por aquisição), do número preciso dos associados ou ainda das convergências e das divergências entre o desejo e as sugestões dos subscritores e das decisões da diretoria. Ainda que episodicamente, foi possível averiguar que os seus fundos foram beneficiários da aquisição da biblioteca de um Clube do Livro existente na cidade, como também de doações esporádicas.¹⁰

Conforme ponderou Christian Jacob, “a acumulação de livros não é uma mecânica sem consequências”, mas obedece a critérios de escolha e seleção que mesmo quando não explícitos atestam que toda biblioteca é um “lugar de memória”. Por conseguinte, longe de ser o espaço neutro onde se “depositam os estratos das inscrições deixadas pelas gerações passadas”, elas são palco de negociações entre “os limites e as funções da tradição, as fronteiras do dizível, do legível e do pensável, a continuidade das genealogias e das escolas, a natureza cumulativa dos campos de saber ou suas fraturas internas e suas reconstruções” (JACOB, 2000, p. 13, 11).

Beneficiada pelo aumento do número de sócios, pelas possibilidades de expansão do acervo e pela necessidade de um controle e divulgação do acervo da instituição, a diretoria acatou a decisão deliberada na assembleia geral de 30 de julho de 1841 que decidira pela publicação do seu primeiro *Catalogue of the Rio de Janeiro British Subscription Library*, sob os auspícios dos agentes londrinos Smith & Elder.

Publicado em 1842, o catálogo indica a existência de acervo complexo, composto por 2.100 obras agrupadas em 11 classes distintas: 1ª classe – “*Literatura religiosa*, compreendendo Obras sobre a História Sagrada e da Igreja, Teologia, Controvérsias, Mitologia, Moral, Missionários, etc.”; 2ª classe – “*Literatura Clássica e Filosófica*, compreendendo Obras sobre Política, História Natural, Ciências & Artes, Obras críticas e profissionais, etc.”; 3ª classe – “*Literatura Histórica*, História Geral, Antiga e Moderna”; 4ª classe – “*Literatura Biográfica*, História Pessoal, Autobiografia, Correspondência, etc.”; 5ª classe – “*Viagens*, compreendendo Obras sobre Maneiras e Costumes, Descrições do exterior e do Reino”; 6ª classe – “*Poesia*, e Literatura Dramática, incluindo todas as obras em verso”; 7ª classe – “*Obras de Ficção*, compreendendo Obras em prosa, Romances, Contos, etc.”; 8ª classe – “*Miscelâneas*, compreendendo publicações seriadas, Obras sobre jogos, etc.”; 9ª classe – “*Livros de Referência*, que não circulam”; acrescentando ainda um rol de “Revistas” e outro de “Jornais”.¹¹

A tabela abaixo apresenta de maneira mais detalhada a distribuição das obras arroladas no catálogo:

Quadro 4 - Catálogo (1842)

CLASSE	Nº TÍTULOS	%
Obras de ficção	555	26,42
Viagens	428	20,38
Literatura biográfica	331	15,76
Literatura clássica e filosófica	286	13,61
Literatura histórica	146	6,95
Poesia	139	6,61
Literatura religiosa	85	4,04
Miscelâneas	69	3,28
Livros de referência	36	1,71
Periódicos	15	0,71
Jornais	10	0,47

Fonte: *Catalogue of the Rio de Janeiro British Subscription Library*.

Lamentavelmente, o catálogo segue estritamente as orientações enviadas pela comissão do British Subscription Library, que prescrevia a utilização da organização alfabética tanto para a classificação das obras, como a necessidade de deixar espaços abaixo de cada entrada alfabética para futuras atualizações.¹² O emprego dessa modalidade de organização torna a avaliação do acervo bastante complicada, uma vez que a categoria autor não foi contemplada. Tampouco são apresentados elementos descritivos (local da publicação, nome do editor, nome do tradutor, número da edição, paratextos) e materiais (dimensões, número de páginas e de tomos, presença de ilustrações) que poderiam traduzir práticas colecionistas dos gestores, indicar a presença de traduções culturais ou ainda a aquisição de edições piratas. Também parece prudente alertar que nesse catálogo verificou-se um paradoxal trabalho de atribuição, posto que muitas obras arroladas numa classe ou ordem estão muito longe das fronteiras determinadas pelos esquemas de classificação bibliográfica, indicando uma fluidez em parte fruto da permanente reorganização da ordem dos saberes, mas também de idiosincrasias que remetem a tradições intelectuais, virtudes e incompletudes individuais.

Antes de comentar os resultados indicados acima, convém esclarecer que o emprego da expressão “literatura” para designar a vastidão de muitas das classes abarcadas pelo catálogo indicava algumas faces do processo de reorganização radical da formação discursiva da sociedade inglesa nas últimas décadas do século XVIII. De acordo com Terry Eagleton, até aquele período o conceito de literatura era plural, incluindo aí textos de filosofia, história, ensaios, poemas e cartas, e se conformava a certos padrões das “Belas-Letras”. O

sentido moderno da palavra literatura foi uma invenção oitocentista calcada na “criação imaginativa”, como “imagem do trabalho não alienado”, convertendo-se numa ideologia alternativa ao racionalismo e ao empirismo, cuja tarefa era “transformar a sociedade em nome das energias e valores representados pela arte” (EAGLETON, 1983, p. 22).

A presença majoritária de “obras de ficção” no acervo do British Subscription Library não causa estranheza, pois corresponde ao mesmo padrão observado nas bibliotecas associativas implantadas no Rio de Janeiro naquele mesmo período. Sob a denominação de “obras de ficção” encontra-se uma variada gama de textos em prosa, sendo possível distinguir entre eles o conto (“tale”), a história romanesca (“romance”) e o romance (“novel”), que remontam a um total de 555 obras ou 26,42% do acervo. Embora nem sempre tenha sido possível identificar o autor da obra mencionada, não parece ser equivocado afirmar que este fundo era constituído majoritariamente por títulos publicados por escritores britânicos e americanos da segunda metade do século XVIII e das primeiras décadas do século XIX. Isto não excluía a presença de obras que remetiam a outras tradições, como por exemplo, *Corina*, *Don Quixote*, *Gil Blas*, *Wilhelm Meister*, *Marmontel's Moral Tales*, *Sorrows of Werter*, ou ainda antologias de autores estrangeiros vertidos para o inglês. Neste caso, destaca-se a presença dos *Polish Tales* e da série *German Novelists*, *Italian Novelists* e *Spanish Novelists*, preparados por Roscoe.

Na classe intitulada “Viagens”, responsável por 428 obras ou 20,38% do catálogo, encontram-se diferentes modalidades de narrativas que remontam à escrita ordinária de diários e correspondências, até inquéritos e descrições de paisagens e hábitos cuja amplitude e jogo de escala variavam consideravelmente, desde o nível municipal, regional, nacional, até as novas e longínquas possessões na África e Ásia. Por meio desses relatos esquadrihavam-se as dimensões simbólicas do império e o rebatimento das representações do “outro” e da autoimagem dos europeus num rico inventário.

Entre a ordem dos livros representados pela “literatura filosófica e clássicos” e a “literatura histórica” assomam afinidades, posto que figuram aí obras de oratória política, tratados filosóficos e relatos de guerras e revoluções que, unificadas, indicam a presença de 432 títulos, totalizando 20,56% do acervo.

Já a classe denominada “Literatura biográfica”, exemplificada por uma profusão de “Memórias”, “Vidas de ...”, “Conversações”, “Reminiscências” e “Retratos”, era detentora de 331 títulos, correspondentes a 15,76% do acervo da instituição. O fascínio despertado pelas biografias entre os leitores oitocentistas resultava da sua similaridade “tanto com os romances como com as exortações, mas, ao contrário dos primeiros, alegavam contar a verdade e, diferentemente das segundas, reforçavam sua mensagem não com preconceitos vagos e sim com exemplos concretos” (GAY, 1999, p. 178). Essas obras ofereciam um repertório de modelos passados e presentes de conduta ou de exemplos de virtuosismo na esfera política e moral, calcados nas vidas de nobres e burgueses; militares, religiosos, políticos e comerciantes; *ladies*, lordes e homens comuns notabilizados por algum feito excepcional.

A existência de uma classe dedicada à “Poesia” distinta das “obras de ficção” é bastante compreensível, especialmente porque ela reúne obras de poesia *stricto sensu*, mas inclui também obras dramáticas. Ainda que represente apenas 6,61% do acervo total ou 139 obras, esse conjunto indica a força da tradição que atribui aos dois gêneros o lugar mais elevado no campo das Belas-Letras. Dispostas alfabeticamente, ora pelo título, ora pelo nome do autor, comparecem obras de diferentes escolas e perspectivas perfiladas com alguns poucos representantes de outras “comunidades imaginárias” estranhas à fronteira anglo-americana, como as traduções do Goethe’s *Faust*, Le Gros’ *Fables and Tales*, Schiller’s *Don Carlos* ou Tasso’s *Jerusalem*.

Embora quantitativamente o número de obras arroladas na classe “literatura religiosa” fosse diminuto, apresentando 85 títulos (4,04%), ela comportava, por um lado, a diversidade de crenças e controvérsias na comunidade britânica (anglicanos, católicos, metodistas, pietistas etc.) e, por outro lado, o relato do trabalho das atividades missionárias nos diversos pontos do Império. Sobre esse último aspecto, convém destacar a presença de algumas obras que revelavam as tentativas de compreensão da alteridade religiosa de povos submetidos à autoridade colonial, daí a tradução do *Corão* por Sale, ou ainda a *Doutrina e história do Budismo*, de Upham, e os *Muçulmanos da Índia*, de Meer Hassan Ali.

A seção denominada “miscelânea” reunia uma diversidade de obras com destaque para a coleção da *Library of Entertaining Knowledge*, da *Family Library* e da *Lardners’s Cabinet Cyclopaedia*, e de muitos títulos que eram duplicados na seção “periódicos”, como era o caso da *Blackwood’s Magazine* (1817-1818, 1828-1839), *Chamber’s Edinburgh Journal* (1831-1840), *Edinburgh Review* (1827-1839), *Mechanics Magazine* (1831-1839), *Metropolitan Magazine* (1831-1839), *Mirror* (1830-1834), *New Monthly Magazine* (1821-1839), *North American Review* (1830-1839), *Quarterly Review* (1827-1840), *United Service Journal* (1829-1839) e *Westminster Review* (1824-1839). A emergência dessas publicações estava diretamente ligada à ascensão de novos leitores representados por diferentes estratos da pequena burguesia, trabalhadores urbanos, mulheres e crianças (LYONS, 1999). A fórmula “miscelânea” foi adotada originariamente na terceira edição da *Encyclopaedia Britannica*, completada em 1797, e traduzia “uma estratégia eminentemente editorial, baseada em projeções estimativas dos hábitos de leitura do grande público, que cada vez mais se sobrepunham aos sistemas de organização do conhecimento concebidos por sociedades de literatos ou por iniciativas particulares de alguns escritores” (QUADROS, 1993, p. 39). Valendo-se do procedimento da reescritura de textos, da seleção de excertos e do emprego de colagens, os editores desses periódicos conjugavam em um mesmo exemplar uma variedade de assuntos que iam desde informações úteis sobre aspectos práticos da vida cotidiana (comércio, câmbio, política internacional, movimento de embarcações) a excertos de artigos de divulgação de conhecimentos científicos vazados numa linguagem acessível, até tópicos voltados para a distração (charadas, receitas culinárias, moda) ou ainda novelas e contos (RAMICELLI, 2009).

Por fim, vale sublinhar que a instituição mantinha a assinatura de quatro semanários (*The Age, Atlas, Examiner, Weekly Dispatch*), de três jornais que saíam três vezes por semana (*The English Chronicle, Evening Mail, London Mercantil e Journal*) e outros três jornais diários (*The Courier, Standard e o Jornal do Commercio*).

A composição variegada e o grau de atualização dos fundos da biblioteca foram objeto de comentários dos missionários americanos Kidder e Fletcher que, com muita argúcia, destacaram as especificidades de algumas bases institucionais de leitura implantadas na cidade por volta dos anos 1850, nos seguintes termos:

Enquanto o estudioso do Rio de Janeiro encontra na Biblioteca Nacional quase tudo o que pode desejar no terreno da literatura antiga, pode também ter acesso às obras mais modernas por intermédio das bibliotecas por subscrição.

Os residentes ingleses, alemães e portugueses fundaram bibliotecas para seu uso exclusivo. A dos ingleses é bastante extensa e rica (KIDDER; FLETCHER, 1941, p. 298).

Nos anos 1860, a diretoria do British Subscription Library foi obrigada a reformular os seus estatutos e submetê-los à consulta ao Conselho de Estado. As razões para tal mudança repousavam no escandaloso processo de falência das sociedades de comanditas que grassaram no final dos anos 50, decorrente da euforia dos “tempos Mauá”. Na assembleia extraordinária convocada pela diretoria e realizada em 29 de junho de 1863 ficaram acordadas alterações que incidiram particularmente na elevação da taxa de subscrição anual, que passou para 30 réis, na introdução de um novo artigo, que estabelecia a necessidade de um *quorum* de metade mais um para a realização da assembleia geral, e na atualização dos trâmites legais para a dissolução da instituição. O novo estatuto reiterava a finalidade da associação: “obter livros e quaesquer publicações periodicas, politicas, scientificas e litterarias, nacionaes e estrangeiras”, franqueava a consulta e leitura das obras no gabinete da instituição e introduzia a permissão para a retirada de obras favorecendo a leitura doméstica.¹³

A inexistência de um livro com o registro do movimento diário dos leitores e dos empréstimos realizados, bem como a impossibilidade de percorrer as estantes da associação e de perscrutar a ordem dos livros, limitou-nos ao exame do catálogo de 1882, desta vez publicado pela empresa tipográfica de George Leuzinger estabelecida na cidade do Rio de Janeiro. Confrontado com o catálogo anterior, o acervo do British Subscription Library saltou do patamar de 2.100 para um total de 3.566 obras, aumentando em cerca de 41,2%.

Neste novo catálogo não foram arrolados os jornais, nem os periódicos assinados pela instituição. A sua leitura permite constatar, por um lado, a permanência de critérios arbitrários de inserção de obras e, por outro lado, a adoção de um novo padrão de organização e classificação que incidiu na diminuição do número de entradas e na adoção do critério de remissão pautado na ordem alfabética e de acordo com o sobrenome do autor. Outro dado de permanência que reforça os vínculos identitários da coleção é que o conjunto das obras arroladas é todo composto por livros editados na língua inglesa.

Quadro 5 - Catálogo (1882)

CLASSES	Nº DE OBRAS	%
Romances	1.205	33,79
Viagens	711	19,93
Biografias	527	14,77
Miscelânea	333	9,33
Clássicos	309	8,66
Teatro e Poesia	223	6,25
Referência	212	5,94
Teologia	46	1,28

Fonte: *British Subscription Library. Catalogue compiled under the direction of the committee, 1882.*

Convém destacar que a seção “referência” estava subdividida nas categorias: Anais (10), Biografias (10), Comércio (76), Linguagem (21), Literatura (16), Direito (7), Política (7), Ciências e Artes (55), Miscelâneas (10).

Observa-se, na composição dos fundos dessa biblioteca, uma distribuição que reforçava o caráter laico e recreativo da associação. Tal fato fica evidente quando se confronta o número de obras de teologia com as demais classes elencadas no catálogo. Certa cum-plicidade epistemológica permite reunir as distintas rubricas “biografias” e “viagens” (totalizando 1.238 obras ou 34,71% do acervo) na medida em que fornecem, respectivamente, um modelo de narrativa moral sobre os grandes personagens da história e um inventário das sociedades não europeias. Sob ângulos complementares, explicitados pela genealogia, pela cronologia, pela descrição das diferentes formas de conduta política ou, ainda, pelo testemunho dos viajantes, temos a constituição de um saber sobre a evolução. Neste caso, os vetores tempo e espaço oferecem um argumento sub-reptício que contribui para uma concepção eurocêntrica e ainda uma justificativa para o terrível “fardo do homem branco”.

Nada surpreendente é a predileção dos associados pelo gênero romance, que permanecia como a divisão mais bem fornida da biblioteca. No entanto, se a esta seção forem acrescidas as rubricas “teatro e poesia” e “clássicos”, não teremos apenas uma alteração na somatória, que passaria a indicar a presença de 1.737 obras, correspondendo a 48,7% do acervo. Essa operação possibilitará um melhor entendimento da cultura literária proporcionada pela instituição e, quiçá, do gosto literário do público.

Visando a uma compreensão mais detalhada dos artefatos textuais que compunham o acervo literário da biblioteca, irei me concentrar no exame dos três fundos mencionados acima.

Conforme já foi explicitado, a prosa de ficção, com especial predileção pelos romances, era responsável por 33,79% do acervo da instituição, o que correspondia a um total

de 1.205 livros. O alto índice de romances na biblioteca é bastante significativo, pois até o século XVIII o romance não era considerado uma forma de arte respeitável. Foi somente no século XIX que seu prestígio se consolidou, passando a ser a expressão literária da sociedade burguesa triunfante. De acordo com Lionel Trilling, o romance foi o agente mais eficaz da imaginação moral, acrescentando ainda que

Ele jamais foi, estética ou moralmente falando, uma forma perfeita e suas falhas e fracassos podem ser rapidamente enumerados. Mas a sua grandeza e a sua utilidade prática encontram-se no absorvente trabalho de envolver o leitor na vida moral, convidando-o a colocar as suas próprias motivações sob exame, sugerindo-lhe que a realidade não é como a sua educação convencional acostumou-o a encará-la. Ensinou-nos, como nenhum outro gênero em qualquer outra época, a extensão da variedade humana e o valor desta variedade. Foi a forma literária na qual as emoções da compreensão e do perdão eram inatas, como se pertencessem à própria definição da forma (TRILLING, 1965, p. 247).

No quadro abaixo são apresentados os autores que dispunham do maior número de obras:

Quadro 6 - Catálogo 1882 - Autores com maior número de obras (romance)

AUTOR	OBRAS	AUTOR	OBRAS
CHARLES DICKENS	35	CHARLES LEVER	16
ANTHONY TROLLOPE	29	WILLIAM BLACK	14
WALTER SCOTT	28	JAMES FENIMORE COOPER	12
WILLIAM M. THACKERAY	27	BENJAMIN DISRAELI	11
GEORGE PAYNE R. JAMES	25	HENRY KINGSLEY	11
EDWARD BULWER LYTTON	25	CAPTAIN MARRYAT	11
MARY BRADDON	21	ELEONOR F. TROLLOPE	11
WILLIAM WILKIE COLLINS	20	MARIA EDGEWORTH	10
GEORGE JOHN W. MELVILLE	19	GEORGE ELIOT	10
CATHERINE GORE	18	DINAH MULLOCK	10
MARGARET OLIPHANT	18	CHARLES READE	10

Fonte: *British Subscription Library*. Catalogue compiled under the direction of the committee.

Rio de Janeiro: G. Leuzinger & Filhos, 1882.

Ao percorrer esta listagem salta às vistas a presença exclusiva de autores anglógrafos, sejam eles oriundos do Reino Unido ou dos Estados Unidos. O fato em si não causa estranheza e parece até decorrer das disposições estatutárias, mas, sobretudo, corrobora uma afinidade linguística e cultural na comunidade dos leitores. Não obstante, ao longo do catálogo é possível destacar a presença de autores vinculados a outras comunidades linguísticas como, por exemplo, os franceses Jules Verne (9), Victor Hugo (6), Erckmann-Chatrain (5), Alexandre Dumas (3), Alphonse de Lamartine (2), Gabriel Ferry (1), Emile Souvestre (1); os

alemães Frederick Gerstaecker (2), Gustav Freytag (1), H. W. Hackländer (1), Ida Hahn Hahn (1); os espanhóis G. A. Sala (4) e Don T. de Trueba (1); o italiano Garibaldi (1), a sueca Fredrika Bremer (1) e o dinamarquês Hans Christian Andersen (3), todos eles invariavelmente traduzidos para a língua inglesa.

Aquele repertório de romances é majoritariamente formado por obras contemporâneas, conferindo um inequívoco grau de atualização ao acervo da biblioteca. Obviamente, isto não excluía a presença, nas prateleiras, das obras canônicas, que atestavam a existência de uma literatura nacional e que, em certa medida, reforçavam os laços dessa comunidade imaginária. Entretanto, elas estavam limitadas a alguns títulos de autores representativos como Chaucer (2), Defoe (1), Johnson (1), Sterne (1) etc.

Se, por um lado, esse recorte linguístico e temporal deve ter repercutido na cultura literária, por outro, reforçava o caráter moderno da instituição. No entanto, é bastante difícil precisar até onde vão o desejo e o esforço dos membros da associação em sintonizar-se com as novidades e traduções lançadas pelo mercado editorial anglo-americano e os interesses comerciais dos agentes livreiros, contratados especialmente para esse serviço. Seja qual for o elo mais forte, não resta dúvida sobre a presença ostensiva da literatura oitocentista, pontificada nas distintas variações do gênero romance, isto é, do romance histórico (Walter Scott, George Payne Rainsford James, Fenimore Cooper, Edward G. E. L. Lytton, Herman Melville), do romance gótico (William Harrison Ainsworth), do romance policial (Wilkie Collins, Mary Elizabeth Braddon), do romance reformista (Charles Reade, Henry Kingsley), do romance realista (Elizabeth Gaskell, Charles Dickens, William Thackeray, Anthony Trollope, Benjamin Disraeli) e do romance naturalista (George Eliot).

Refigurados na prosa de ficção, ganham relevo as tensões e os temas que marcaram a Era Vitoriana: a feição bucólica e pitoresca associada à vida campestre em oposição ao artificialismo e às profundas alterações na vida urbana suscitadas pela industrialização; os conflitos de classes e de indivíduos; as crises de consciência ou dramas existenciais decorrentes do desencantamento do mundo; o filistinismo burguês e a opressão das mulheres; as fantasias e frustrações sexuais acarretadas pelos rígidos padrões morais; o aparecimento de formas de consumo conspicuo contraposto à miséria das classes populares etc.

Não por acaso, muitos desses textos aparecem vazados na forma de inquéritos ou reportagens – como uma descrição ou genuína reconstrução imaginativa dos ambientes e das formas dialetais – de relatos de viagem, que exploravam a “cor local” e as peculiaridades de outras paragens, e de biografias de heróis ou personagens fictícios, narrados de maneira épica. Afinal, o emprego da forma romance não renunciava aos recursos que exerciam um fascínio documental, embora convidassem o leitor a usar sua faculdade da imaginação, convertendo-se numa sondagem das grandes esperanças e das ilusões perdidas, das quais os próprios escritores e leitores eram, simultaneamente, agentes e espectadores.

Na Inglaterra, o crescimento da oferta de textos ficcionais foi amplamente impulsionado pela alfabetização massiva e pela emergência de um novo público leitor, constituído por

elementos das classes médias urbanas e da classe trabalhadora. E, sobretudo, com o aparecimento de novos suportes, especialmente revistas e jornais, que divulgavam, de forma seriada e por um preço módico, muitos dos textos que, posteriormente, foram lançados no mercado sob a forma de livros que cruzavam o Atlântico, desembarcavam no cais Pharoux e alimentavam o imaginário dos frequentadores da biblioteca inglesa.¹⁴

Um segundo aspecto que confere particularidade a esse acervo, quando confrontado com os congêneres de outras bibliotecas associativas, é a grande presença de obras produzidas por mulheres escritoras. Além daquelas já elencadas, devem ser acrescidas ainda Henry Wood (9), Amelia Edwards (8), Countess Blessington (6), Mrs. Opie (6), Harriet Beecher Stowe (6), Jane Austen (5), Marie Louise de la Ramée (5), Shirley Brooks (5), Mrs. Marsh (5), Mrs. T. F. Riddel (5), Miss Yonge (5), Sarah Tytler (5), Grace Aguilar (4), Mrs. Alexander (4) e ainda mais cerca de 52 escritoras que aparecem com menos de quatro livros.

Mascarando sua identidade sob pseudônimos masculinos (George Eliot, Currer Bell, Henry Wood) ou, ainda, apelando para os substantivos “mistress” e “miss” que lhes ocultavam o primeiro nome e as punham sob a égide do marido ou da família de origem, uma profusão de escritoras conquistou um espaço entre os criadores de literatura.¹⁵ Colaboradoras ativas dos principais magazines literários publicados na Grã-Bretanha, elas foram comercialmente bem-sucedidas, em que pesem a baixa estima e as dificuldades para romper com a altivez masculina de críticos e escritores que as tomavam como uma ameaça e uma ofensa à instituição masculina (GAY, 1995, p. 331-356).

Embora nem todas fossem feministas doutrinárias, seus textos abordavam, em enredos moralizantes de fundo romântico, as agruras e os dissabores experimentados pelas mulheres de diferentes classes sociais. Não por acaso, o questionamento do estereótipo da boa mulher/boa esposa, do casamento por conveniência e do altruísmo feminino foi explorado em romances e contos detetivescos. Essas narrativas, por meio de descrições minuciosas, abordavam vidas e crimes pontuados por traições, bigamia, infâmia e tédio, decorrentes de conflitos de classe ou de temperamento entre os protagonistas, como também da infelicidade e insucessos amorosos.

Embora as mulheres não fossem as únicas leitoras de romances, elas eram consideradas o principal alvo da ficção romântica e popular. De acordo com Martyn Lyons, “a feminização do público leitor de romances parece confirmar os preconceitos dominantes sobre o papel da mulher e sua inteligência. Romances eram tidos como adequados para as mulheres por serem elas vistas como criaturas em que prevalecia a imaginação, com capacidade intelectual limitada, frívolas e emotivas. O romance era a antítese da literatura prática e instrutiva. Exigia pouco do leitor e sua única razão de ser era divertir pessoas com tempo sobrando” (LYONS, 1999, p. 171).

Já o fundo constituído por “obras de poesia e teatro” era responsável por 6,25% do acervo de obras da biblioteca, representadas por 223 livros. Os autores que dispunham do maior número de obras eram os seguintes:

Quadro 7 - Catálogo 1882 - Autores com maior número de obras (poesia e teatro)

AUTOR	OBRAS	AUTOR	OBRAS
ALFRED TENNYSON	11	SCHILLER	5
EDWARD BULWER LYTTON	10	WILLIAM MORRIS	4
HENRY W. LONGFELLOW	7	J. E. READE	4
ROBERT BROWNING	6	WALTER SCOTT	4
JAMES SHERIDAN KNOWLES	6	ROBERT SOUTHEY	4
THOMAS MOORE	6	CHARLES ALGERNON SWINBURNE	4
CHARLES MACKAY	5		

Fonte: *British Subscription Library*. Catalogue compiled under the direction of the committee.

Rio de Janeiro: G. Leuzinger & Filhos, 1882.

Entre as obras de poesia também se repete o recorte temporal observado entre os romances, com a predominância de autores oitocentistas. Destacam-se os representantes da poesia romântica (Thomas Moore, Walter Scott, Robert Southey), que, ao lado de Coleridge (1) e Wordsworth (1), adotaram os sonetos e as baladas líricas, vazadas numa língua coloquial, para tratar de temas nacionais e populares, afastando-se do alto estilo clássico. A relação acima também indica a presença de autores que foram responsáveis por rupturas com a estética romântica, como foi o caso de Alfred Tennyson, Henry Wadsworth Longfellow, Robert Browning e Charles Algernon Swinburne.

Decerto, o catálogo indicava a presença de outros poetas que concorriam para o caráter exaltativo da cultura britânica. Dessa forma, estavam disponíveis aos associados interessados em revisitar a tradição poética, entre outros, J. Dryden (1), J. Gay (1), A. Pope (2), E. Young (1), O. Goldsmith (1), W. Cowper (1), Ossian (1) e os contemporâneos Percy Shelley (1), G. Byron (1), J. Greenleaf Whittier (3), J. Leigh Hunt (2) e E. Allan Poe (1). Quanto aos poetas de outras comunidades linguísticas, apareciam apenas duas traduções, de Goethe (1) e de Tasso (1). E, finalmente, devem-se observar as significativas ausências de John Donne, William Blake e John Keats.

Alocadas juntamente com as obras de poesia, as de teatro apresentam um número menor e, pasmem, apenas James Sheridan Knowles, ator muito conceituado no período e tido como o primeiro autor moderno de tragédias, e o alemão Schiller apareciam no rol dos autores com o maior número de obras. Presentes também estão o duo isabelino composto por Shakespeare (1) e Marlowe (1), Beaumont e Fletcher (1) e o neoclássico J. Dryden (1).

A última seção a ser examinada é aquela denominada "clássicos", que totaliza 309 livros ou 8,66% do acervo da biblioteca. Essa seção está longe de ser identificada com um repertório de autores e obras da Antiguidade, mesmo porque os de origem grega se limitavam a Plutarco e, entre os latinos, figuravam apenas Plínio e Cícero. Também convém lembrar que a existência de uma categoria nomeada de "clássicos", apartada das seções "ro-

mances” e “poesia e teatro”, pode ser um indicativo da autonomização do campo literário frente a outras formações discursivas, que tradicionalmente eram enfeixadas sob a égide das Belas-Letras.

Todavia, se o esgotamento daquela velha fórmula de organizar os saberes era inequívoco, estavam alocados entre os “clássicos” textos de natureza distinta, incluídas aí obras cuja amplitude temática e diversidade de formas e de gêneros são surpreendentes. Embora fosse majoritariamente constituída por obras literárias, a pequena amostragem abaixo deixa entrever o ecletismo da seção:

Quadro 8 - Catálogo 1882 - Autores com maior número de obras (Clássicos)

AUTOR	OBRAS	AUTOR	OBRAS
JEREMY BENTHAM	5	WILLIAM HAZLITT	4
THOMAS CARLYLE	5	JOHN RUSKIN	4
GEORGE COMBE	4	LORD HENRY BROUGHAM	3
THOMAS DE QUINCEY	4	JOHN FOSTER	3

Fonte: British Subscription Library. Catalogue compiled under the direction of the committee.

Rio de Janeiro: G. Leuzinger & Filhos, 1882

Aparecem arrolados textos de natureza política, como os de Jeremy Bentham, Thomas Carlyle e Lord Brougham, obras de literatura, com Thomas De Quincey e William Hazlitt, e ensaios de arte por John Ruskin. Mas para além dos autores que apareciam no topo do *ranking*, também podem ser destacadas as presenças de filósofos (Francis Bacon, David Hume, Ralph W. Emerson, John Stuart Mill), historiadores (Thomas B. Macaulay, Henry Buckle, Robert Southey, George C. Lewis), poetas (H. P. Addison, Oliver Goldsmith, Samuel Coleridge, Christopher Lamb), romancistas e contistas (Lawrence Sterne, Jonathan Swift, Walter Scott, Edgar Allan Poe, Charles Kingsley, William Thackeray), publicistas e discursos políticos (J. Swift, George Canning, Edmund Burke, T. B. Macaulay), narrativas de viagens (Thomas Ewbank, John Mawe, Richard Burton, Louis Agassiz, Charles Darwin), entre muitos outros. Presentes também estão autores estranhos à comunidade anglógrafa, como os franceses Guizot, Montesquieu, Chateaubriand, Mme. du Deffand, T. A. D'Aubigné e os alemães Schlegel, Humboldt e Schiller.

Diante da heterogeneidade e abrangência dos textos, não parece equivocado atribuir duas possibilidades para a compreensão do sentido da categoria “clássicos”. Por um lado, estavam agrupados ali obras e autores modelares, portanto, aqueles que deveriam ser imitados ou glorificados como os representantes mais significativos de um determinado gênero, seja ele ficcional ou não. Por outro lado, era uma maneira de destacar as obras de primeira grandeza (*first rate*) que, pela excelência da edição e da encadernação, conferiam uma reputação ao possuidor ou ao leitor e exigiam uma ordenação peculiar.¹⁶

A inferência de Kidder e Fletcher sobre a atualização e modernidade do acervo das bibliotecas por subscrição e dos gabinetes literários estava corretamente assentada, e sua validade, como já foi exposto, não se restringia às primeiras décadas do século dezanove. A asserção pode ser estendida e tomada como uma tendência de maior amplitude. Espaço de convivência social e suporte para a cultura letrada, o British Subscription Library continuou, ao longo do século, animando a colônia britânica e, quiçá, alguns leitores brasileiros. É o que se apreende do lacônico registro de James Wells que, ao percorrer a Rua do Ouvidor em meados da década de oitenta, não só a designava como a “Bond Street do Rio”, como registrava uma breve passagem pela “biblioteca de empréstimos britânica, uma grande dádiva para os moradores e muito apreciada por eles” (WELLS, 1995, p. 45).

As dificuldades em obter relatos de leitura dos associados do British Subscription Library não me dissuadiram a encerrar este tópico com uma passagem do já mencionado James Wells, porque parece elucidar um dos efeitos possíveis da leitura daquelas obras.

Depois de permanecer algumas semanas na corte imperial, ele fora incumbido de realizar uma longa exploração, que previa o levantamento das estradas, nivelamentos barométricos e relatórios sobre os distritos, de maneira a ligar o tráfego navegável do São Francisco ao Tocantins. Na estação da ferrovia D. Pedro II, rumo a Barbacena, ele observava o movimento daquela miscelânea de fazendeiros ricos e comerciantes, “vestindo ponchos de linho branco, botas de couro envernizado e chapéus Panamá... falando alto e recendendo a alho e tabaco”, “comerciantes de aparência biliosa, amanuenses pálidos, portugueses gordos e uma multidão indistinta de matutos mulatos ou negros [...]”. Após se acomodar num dos assentos largos e revestidos de palhinha, ele entabula um diálogo interior, posteriormente convertido em narrativa de viagem:

Sento-me com um sentimento de exultação ao tomar consciência de que finalmente eu estava a caminho de realizar o sonho tão ansiado de minha juventude – uma longa temporada viajando pela região agreste dos trópicos. Receio que Defoe e seu *Robinson Crusoe*, o Capitão Mayne Reid e outros escritores semelhantes sejam responsáveis pelas idéias fantásticas que se criam nas mentes dos jovens, fazem tantos ingleses partirem pelo mundo e nos tornam uma raça tão perambulatória e o Império Britânico tão vasto (WELLS, 1995, p. 63).

A crítica e a crise

Como já foi exposto, a reconstrução da trajetória institucional e das práticas de leitura realizadas no âmbito do British Subscription Library é uma operação indiciária posto que além do *Minute book* e dos catálogos da biblioteca, nada mais foi possível obter acerca dos fazeres ordinários da instituição (lista de associados, recibos de quitação da anuidade e da aquisição de livros, registros referentes ao tombo dos livros e empréstimos para leitura doméstica, reprimendas e sugestões etc.), bem como não foi possível localizar diários e correspondências de alguns membros que poderiam contribuir para o acesso, ainda que indireto, aos registros da interação do leitor com determinados textos disponibilizados pela

biblioteca.

Contudo, a produção e a circulação de periódicos produzidos e voltados para satisfação dos interesses da comunidade anglo-americana permitiram a compreensão de algumas representações da associação e dos seus frequentadores.¹⁷ Um dos lugares-comuns presentes no esparso noticiário sobre a instituição é o da percepção da crise vigente no British Subscription Library em meados dos anos 1880. Nas páginas do *The Rio News* e do *The Anglo-Brazilian Times* aparecem comentários bastante contundentes no que diz respeito aos efeitos do amadorismo na formatação do catálogo e o seu potencial impacto nas consultas, os problemas na gestão da associação marcada pela manutenção do caráter excludente do seu quadro social, bem como as tentativas nem sempre eficazes de reverter o desinteresse pelos rumos da instituição.

Diferentemente do catálogo de 1842, que fora preparado pela Smith & Elder, prestigiosa casa londrina do comércio livreiro, o catálogo de 1882 foi organizado por um comitê de associados que voluntariamente assumiu esta tarefa e, posteriormente, encarregou a Casa Leuzinger (RJ) da impressão. A edição do novo catálogo retratava a inequívoca expansão da quantidade de livros acumulados e, sob os olhos dos administradores, a necessidade de assegurar a ordem. Mas a existência de um catálogo também indicava a importância de um novo instrumento que permitisse ao leitor descobrir o que procurava. Nesse sentido, vale recordar que “as maneiras de procurar e os meios de descobrir, e, igualmente, os hábitos de leitura, dependem não só de questões de distinção e ordem, mas também de dificuldades e facilidades apresentadas pela acumulação dos livros nas prateleiras” (MCKITTERICK, 2000, p. 93). Portanto, a elaboração do catálogo requeria necessariamente *expertise*, qualidade que o articulista de *The Rio News* não verificou no trabalho conduzido pelos responsáveis. Nem mesmo o dispêndio de horas que poderiam ser aproveitadas em outras atividades ou o trabalho gratuito destes homens era capaz de compensar os duvidosos critérios de classificação e os muitos equívocos registrados na revisão e preparação dos materiais para publicação. Sua avaliação era incisiva:

Este catálogo não é um inventário de bens que possam ser arquivados com os papéis privados de alguém; é um documento público, aberto à inspeção de todos e destinado a durar muitos anos. Do modo como foi publicado, ele simplesmente torna ridículos o comitê e toda esta comunidade. Se for mantido, ele será um contínuo descrédito para a biblioteca e seus patrocinadores. Os que fizeram subscrição para o trabalho têm o direito de esperar uma coisa bem feita; e não temos dúvida de que teriam pago alegremente o dobro de suas subscrições, se necessário, a fim de que ele fosse feito por um especialista.¹⁸

Ele argumentava que embora a finalidade prevista para este tipo de obra era ser simultaneamente inventário e instrumento de busca, as diretrizes empregadas na elaboração do catálogo eram por demais confusas. Primeiro, porque era uma simples lista de títulos organizada alfabeticamente, agrupadas em nove classes: romances, viagens, história, obras biográficas, clássicos, obras teológicas, obras de referência, miscelâneas, peças e poemas.

Não havia sequer uma lista de autores. Sublinhava também que, mesmo quando o consulente conhecia o título da obra, a chance de localizá-la nas páginas do catálogo poderia demandar o exame integral da listagem, uma vez que, por exemplo, *Confession of an Opium Eater*, *History of a Crime* e *Oliver Cromwell* figuravam sob a epígrafe de 'romances'; *War Correspondence of the Daily News 1877-78*, sob a de 'biografias'; *Studies in Animal Life*, *Lectures on Astronomy*, *On the Descent of Man*, *Court Fools*, *On Fortification*, *Physical Geography of the Sea*, *History of the Opera*, *The Anatomy of Melancholy*, *Proverbial Philosophy*, *Characteristics of Women* etc., sob a de 'clássicos'; *Encyclopaedia of Rural Sports*, sob a de obras de 'referência'; *Royal Atlas* e *Narrativa da Liberação do Brasil*, sob a de "miscelâneas". Ainda de acordo com as anotações críticas do articulista, os erros de classificação constituíam apenas o começo de uma sucessão de erros de atribuição nos quais, por exemplo, um mesmo autor recebia várias entradas: Charles Dickens é apresentado sob diversas designações, como 'Dickens', 'C. Dickens', 'Chs. Dickens' e 'Charles Dickens'; geralmente Charles Lever aparece tão somente como 'C. Lever'; J. Fenimore Cooper como 'J. F. Cooper'; Captain Burton como 'Richard F. Burton', 'Richard R. Burton' e 'Rich.d F. Buston'; Thomas Carlyle como 'T. Carlyle' e as vezes como 'W. Carlyle'; infelizmente, Geo. Francis Train tem o seu sobrenome desfigurado para 'Twain'. Uma edição em dois volumes de *Martin Chuzzlewit* é atribuída a "Anthony Smith the Elder", ao passo que Dickens tem o *Martins of Cromartin* acrescido à sua longa lista de obras. Em outro lugar, uma entrada intitulada 'Dixon's Two Queens' é atribuída a 'Dixon Hepworth'. O livro está repleto de erros como esses. Os muitos erros de atribuição, a ausência de revisão, a citação de títulos esdrúxulos e completamente distintos daqueles previstos para as obras arroladas permitem o estabelecimento de uma analogia entre o mal-estar gerado pela leitura crítica do novo catálogo e os descaminhos da instituição.

O diagnóstico mais minucioso e crítico em relação à crise que afligia o British Subscription Library foi feito sob a forma de reportagem, publicada sem assinatura, nas páginas de *The Anglo-Brazilian Times*, em 1883. Empregando uma perspectiva comparatista, o ensaio destacava a riqueza do Gabinete Português de Leitura e da Sociedade Germânia, que, apesar de comportarem um acervo numericamente bastante distinto (cerca de 24.400 obras e 12.000 obras, respectivamente), eram compostos por livros e periódicos modernos procedentes da Alemanha, Grã-Bretanha, Portugal e França. Por sua vez, os fundos do British Subscription Library remontavam a

alguns milhares de volumes em grande parte composto de impressos que na Inglaterra são comercializados pelo preço fixo de três a seis centavos, ausência notável de autores clássicos, sala de leitura guarnecida com cerca de quatro jornais ingleses, uma dúzia de revistas mensais e uma gratuita lista de comércio, ouvimos que não há novos livros adicionados durante o ano passado e nenhuma ser recebido este ano também.¹⁹

Além da diversificação do acervo e do impacto que isto poderia suscitar nos leitores potenciais, o articulista introduz uma dúvida no que diz respeito às razões para a decadência da associação. Novamente, ele empregava como elemento de comparação a bem-su-

cedida experiência de colonos alemães e suíços que, embora numericamente menor, obtiveram sucesso na implantação de círculos e instituições socioculturais longevas e estáveis. “Pelo que sabemos”, arrematava o jornalista, confidenciando os descaminhos do British Club em analogia com o esvaziamento do British Library Subscription, “nenhum relatório sobre os seus negócios jamais foi *publicado*, embora possa ter sido mostrado *en famille*, mas dir-se-ia que os erros se repetiram e arruinaram o Clube Britânico, que pereceu, segundo nos disseram, devido à administração incompetente de suas finanças e à formação de ‘panelinhas’”.²⁰

Cerca de quatro semanas após a publicação do primeiro ensaio, o jornalista retoma a matéria, oferecendo aos leitores novos argumentos para compreender as dimensões da crise da associação. Apesar de extensa, considero oportuno transcrever a avaliação tal qual foi publicada:

Uma causa do estado miserável do nosso British Subscription Library é a abrangência estreita de sua lista de assinaturas. Do modo que é administrada, a biblioteca é mantida virtualmente para usufruto, não da colônia britânica, mas dos funcionários das principais casas de importação e exportação britânicas, já que as assinaturas de todas as demais pessoas são desestimuladas por uma pesada carga discriminatória contra elas, contra todos os que não são funcionários e até contra os membros da classe favorecida cujos “capitães” não contribuem com 30 dólares para os fundos da biblioteca, tendo de pagar duas vezes e meia o valor da assinatura dos funcionários, que é de 12 dólares, ao passo que a dos acionistas é de apenas o *dobro*. Não dizemos que 12 dólares é muito pouco. De fato, em vista do miserável alimento literário fornecido, inclinamo-nos antes a pensar que é demais, mas o certo é que as tarifas altamente discriminatórias afastam muitas pessoas que de outro modo fariam a sua subscrição. Ademais, há um sentimento, fora da biblioteca, de que quem quer que esteja ligado ao comércio varejista ou à mecânica será mal recebido – na verdade, comportamo-nos como se alguém ligado a ambos ou ao escritório de telégrafo não devesse figurar na lista de assinaturas. Como quer que seja, não há dúvida quanto à diminuição das assinaturas nem quanto à sua insuficiência para sequer manter os livros existentes em condições decentes após pagar por uma dúzia de periódicos que constituem praticamente a única atração que resta aos assinantes. A questão da biblioteca é, de fato, uma questão de sobrevivência. Sob uma administração negligente e atendendo ao interesse de grupinhos, ela passou durante muitos anos de ruim a pior. Portanto, é evidente que as reformas necessárias devem ser feitas no sentido de colocar todas as assinaturas em condições de igualdade e de abrir as listas de assinaturas e a sala de leitura a qualquer pessoa responsável que deseje assinar – numa palavra, a classe deve estar subordinada ao interesse geral da colônia, que consiste em assegurar uma biblioteca *viva* atualizada e ao mesmo tempo preservando ao menos os clássicos da literatura inglesa.²¹

O texto é contundente e não poupa os administradores da biblioteca de perpetuarem procedimentos de admissão que, longe de fortalecer os hábitos de leitura, a integração e reiteração desta comunidade imaginada (ANDERSON, 2008), favoreciam a hegemonia de uma fração do grupo de comerciantes e o emprego de estratégias de perpetuação e exclusão. Acrescente-se ainda a clareza da análise ao demonstrar que as diferenças estipuladas

para os valores pagos pelos associados e outros potenciais frequentadores (funcionários do comércio varejista, artífices mecânicos, prestadores de serviço, marinheiros) eram discriminatórias. A revisão urgente dessa questão era vislumbrada por meio da adoção de uma taxa única que proporcionaria igualdade de oportunidade a todos os leitores, colocando a instituição a serviço do conjunto da comunidade. Enfim, a emulação e a tentativa de forjar um determinado *status quo* através da subscrição acabaram por produzir um efeito inesperado, isto é, o esvaziamento e dificuldades financeiras experimentadas pela associação.

Outro sintoma da crise que atingia o British Subscription Library aparece como um informe sobre a realização da assembleia anual da instituição. Como já foram expostos, os excertos convocando os associados eram marcados pela concisão, isto é, forneciam as informações pontuais sobre o evento e eram publicados na seção de classificados, o que previa algum tipo de pagamento pelo anúncio. No entanto, a convocação para assembleia a ser realizada no dia 5 de julho de 1887, publicada nas páginas de *The Rio News*, não só não adotava o procedimento vigente como também era acompanhada de um pequeno texto, a cargo dos redatores do jornal, que explicitava a situação de risco enfrentada pelos gestores nos seguintes termos:

Ouvimos dizer que essa velha instituição ainda está endividada e é muito mal administrada. O atual comitê ocupa o cargo há três anos e está muito inclinado a renunciar e a recomendar o fechamento da biblioteca e a venda dos livros. Confiemos que alguma solução possa ser encontrada para evitar esse passo para trás e que algo seja feito para melhorar a situação da biblioteca. Não é nada honroso para a colônia inglesa desta cidade permitir que essa instituição utilíssima se arruine dessa maneira (THE RIO NEWS, 05/07/1887, p. 4).

Poucas semanas após a divulgação da convocatória, o jornal publicou uma pequena nota assinada pelo comitê administrativo informando o esvaziamento absoluto da assembleia. Não obstante, anunciava também o compromisso com a reformulação da biblioteca e a adesão de 20 novos subscritores (THE RIO NEWS, 24/07/1887, p. 5). Tudo leva a crer que a incorporação de novos associados significou uma injeção de ânimo, além de mais recursos.

Aproximadamente dois meses após a mencionada assembleia, os dirigentes do British Subscription Library informavam a transferência de suas instalações nos seguintes termos: “a Biblioteca mudou-se para novas e cômodas dependências na rua dos Ourives, 35, 1o andar, e [...] a situação é muito conveniente tanto para as damas quanto para os cavalheiros” (THE RIO NEWS, 15/09/1887, p. 1).²² Se a notícia sobre a mudança já é em si suficiente para despertar certo estranhamento em função dos custos e transtornos que essa operação deveria introduzir na vida associativa, o que dizer da menção às senhoras? Embora nenhum documento oficial, como os estatutos e regulamentos, vetasse a possibilidade de as mulheres se associarem ou frequentarem a sala de leitura da biblioteca, esse vem a ser o primeiro informe que explicita a sua presença. Nada posso afirmar se essa frequência era de fato corriqueira ou a tolerância para com a presença feminina foi adotada como uma

tática para o fortalecimento da instituição. Certamente, a leitura domiciliar facultada aos subscritores poderia favorecer a leitura feminina. No entanto, a mediação masculina exercida pela figura do pai, do marido ou irmão, constituía uma velada prática de controle que repercutia naquilo que era dado à leitura.

O desejo de fortalecer a instituição levou o comitê administrativo do British Subscription Library a divulgar uma carta aberta ao editor de *The Rio News*, aos 28 de outubro de 1889, na qual eles conclamavam a necessidade de unir esforços para reerguer a biblioteca. De acordo com os gestores, o primeiro passo era reconhecer o estado de calamidade que afetava parte do acervo – “Nada é mais verdadeiro do que afirmar que metade das obras de escritores como Scott, Dickens, Thackeray, Lytton, George Elliot e muitos outros de primeira grandeza entre os romancistas estão faltando na Biblioteca ou se encontram num estado de decrepitude tal que impossibilita a sua leitura”.²³ A recuperação do acervo dependia da obtenção de novos subscritores e da cobrança eficaz das anuidades atrasadas, visando obter a importância de 500 mil réis, que, segundo os administradores, seria a receita suficiente para reparar as perdas e normalizar a situação da associação. O comitê informava poder arcar com um quinto da quantia orçada e pedia a colaboração da comunidade britânica e americana, cujos membros poderiam ser os maiores beneficiários da manutenção da biblioteca.

O apelo do comitê foi imediatamente respaldado pelos editores do jornal. Eles publicaram logo abaixo da carta-aberta uma declaração de apoio que procurava mobilizar os seus potenciais frequentadores e carrear contribuições para a biblioteca. Com muita perspicácia, eles estabeleciam uma relação entre a mudança no perfil dos comerciantes radicados na cidade do Rio de Janeiro e os percalços enfrentados pela associação, nos seguintes termos:

Todos os comerciantes das colônias inglesas e americanas desta cidade têm-se interessado pela sua prosperidade e contribuído para a sua manutenção. O resultado é uma coleção de livros que certamente honra os homens que colaboraram para a sua construção. Nos últimos anos, porém, permitiu-se que a Biblioteca entrasse num estado de decadência. Perderam-se e estragaram-se livros, e os fundos para substituí-los não foram fornecidos. Em parte isso se deve às mudanças por que passou a nossa colônia. O comerciante antiquado já não faz do Rio a sua pátria; está passando os seus negócios no Brasil a administradores ou sócios mais jovens e menos interessados em formar uma biblioteca, ou um clube, num lugar que eles só consideram a sua residência durante uns poucos e breves anos. Tudo isso ajudou a diminuir o apoio que a Biblioteca estava acostumada a receber. As necessidades dessa instituição honrosa e útil, entretanto, têm aumentado constantemente, e confiamos em que o apelo atual despertará os residentes de fala inglesa da cidade para a necessidade de atender pelo menos a uma parte delas.²⁴

A última cartada para reverter esse quadro de dissolução que se arrastava por quase dez anos foi a implantação de uma diretriz que em grande medida já havia sido postulada anteriormente. Por meio da alteração no valor das taxas e condições de subscrição, os ges-

tores da biblioteca introduziram mudanças que se aproximavam da postulada igualdade de oportunidades. De acordo com as novas prescrições, as assinaturas deveriam ser pagas de forma adiantada, cabendo ao associado optar pela taxa de 30 mil réis ou 18 mil réis anuais. Cada opção conferia ao associado o direito de retirar quatro obras e duas revistas ou duas obras e uma revista, respectivamente. Além dessa novidade, outras duas alterações foram implantadas no intuito de satisfazer o perfil dos novos membros da comunidade anglo-americana e, assim, garantir subscrições para a manutenção da biblioteca. A primeira delas indicava que “funcionários de empresas e bancos com assinatura serão admitidos mediante pagamento de 12 mil réis anuais, com direito à retirada de dois livros e uma revista”. Já a segunda atendia aos interesses dos residentes temporários que seriam “autorizados a usar a Sala de Leitura, sem direito a retirar livros, mediante uma assinatura mensal de 3 mil réis, paga adiantadamente” (THE RIO NEWS, 23/06/1890, p. 8). Tudo leva a crer que esta medida teve um efeito paliativo e garantiu a manutenção da biblioteca por mais uma breve temporada.

A diminuição de notícias, notas e referências sobre o British Subscription Library na imprensa fluminense antecipava a interrupção brutal daquele projeto de acumulação de livros e saberes que por algumas décadas animou a comunidade anglófona estabelecida na cidade do Rio de Janeiro, proporcionando-lhe deleite e instrução. Se outrora aquela instituição fora um espaço de sociabilidade de comerciantes britânicos e palco de uma política cultural dessa comunidade imaginada, ela sucumbiu frente à rarefação dos leitores e assinantes. Cumpria assim o desígnio semelhante a muitas outras bibliotecas, oscilando de um “lugar de memória” e espaço de convivialidade à ruína e ao esquecimento.

Referências

AGULHON, Maurice. *La cercle dans la France bourgeoise 1810-1848*. Étude d’une mutation de sociabilité. Paris: Armand Colin, 1977.

ALMANAK LAEMMERT. Rio de Janeiro, 1846-1888.

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

British Subscription Library. Catalogue compiled under the direction of the committee. Rio de Janeiro: G. Leuzinger & Filhos, 1882.

BURKE, Ulick Ralph; STAPLES Jr., Robert. *Business and pleasure in Brazil*. London: Field and Tuer, 1884.

Catalogue of The Rio de Janeiro British Subscription Library. London: Smith & Elder, 1842.

DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO. Rio de Janeiro, 1867.

DRABBLE, Margaret (ed.). *The Oxford Companion to English Literature*. 2. ed. Oxford: Oxford University Press, 1996.

EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura: uma introdução*. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

ELWES, Robert. *A sketcher's tour round the world*. London: Hurst and Blacket, 1854.

Estatutos do Rio de Janeiro British Subscription Library, 29/07/1863. Arquivo Nacional – Rio de Janeiro, Conselho de Estado/Consulta Pública; cx. 534 pc. 2 doc. 32.

GAY, Peter. *A cultura do ódio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

GAY, Peter. *O coração desvelado*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

GOULEMOT, Jean Marie. Da leitura como produção de sentidos. In: CHARTIER, Roger (org.). *Práticas da leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996. p. 107-116.

JACOB, Christian. Prefácio. In: BARATIN, Marc; JACOB, Christian (dirs.). *O poder das bibliotecas: a memória dos livros no Ocidente*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2000. p. 9-17.

JORNAL DO COMMERCIO. Rio de Janeiro, 1842, 1844, 1857.

KIDDER, Daniel Parish; FLETCHER, J. C. *O Brasil e os brasileiros*. São Paulo: Nacional, 1941.

KLANCHER, Jon P. *The making of English reading audiences, 1790-1832*. Madison: Wisconsin University Press, 1985.

LYONS, Martyn. Os novos leitores do século XIX: mulheres, crianças, operários. In: CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger (eds.). *História da leitura no mundo ocidental*. São Paulo: Ática, 1999. v. 2. p. 165-202.

MCKITTERICK, David. A biblioteca como interação: a leitura e a linguagem da bibliografia. In: BARATIN, Marc; JACOB, Christian (dirs.). *O poder das bibliotecas: a memória dos livros no Ocidente*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2000. p. 94-107.

MEYER, Marlyse. *Caminhos do imaginário no Brasil*. São Paulo: Edusp, 1993.

MINUTE BOOK. Rio de Janeiro: Sociedade Cultura Inglesa do Brasil, 1826-1832. v. 1.

MONTERDE, José Martí. *La poética del café*. Barcelona: Anagrama, 2007.

MORRIS, R. J. Voluntary Societies and British Urban Elites, 1780-1850: An analysis. *The Historical Journal*, London, v. 26, n. 1, p. 95-118, 1983.

QUADROS, Jussara Maria Menezes. *Estereotipias: literatura e edição no Brasil na primeira metade do século XIX (1837-1864)*. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1993.

RAMICELLI, Maria Eulália. *Ciranda da ficção no século XIX*: Blackwood's Edinburgh Magazine no Brasil. Santa Maria: Ed.UFSM, 2009.

STEWART, Charles S. *A visit to the South Seas, including notices of Brazil, Peru, Manilla, The Cape of Good Hope and Sta. Helena*. New York: John P. Haven, 1833.

THE ANGLO-BRAZILIAN TIMES. Rio de Janeiro, 1865-1883.

THE RIO NEWS. Rio de Janeiro, 1882-1890.

TODD, Janet (ed.). *Dictionary of British Women Writers*. London: Routledge, 1991.

TRILLING, Lionel. *Literatura e sociedade*. Rio de Janeiro: Livradora, 1965.

WALSH, Robert. *Notícias do Brasil (1828-1829)*. São Paulo: Edusp; Belo Horizonte: Itatiaia, 1985.

WELLS, James W. *Explorando e viajando três mil milhas através do Brasil: do Rio de Janeiro ao Maranhão*. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais, 1995. v. 1.

Notas

1 Respectivamente, Artigo 1o e Artigo 8º do Estatuto do British Subscription Library, 1º ago. 1826 (MINUTE BOOK, 1826-1832, v. 1).

2 A "democracia de assinantes" implicava o seguinte processo: "O dinheiro era coletado entre os membros. Os fundos eram distribuídos e as atividades organizadas por um comitê e por funcionários eleitos pelos assinantes na assembleia geral anual. Uma assinatura, um voto era a regra geral, e eleições não contestadas a prática normal. Normalmente o resultado era decidido por uma oligarquia selecionada entre os membros de status superior da sociedade" (MORRIS, 1983, p. 101). Veja também o importante estudo de Agulhon (1977).

3 Art. 6o do Estatuto do British Subscription Library, 1º ago. 1826 (MINUTE BOOK, 1826-1832, v. 1).

4 A modelização desses espaços de sociabilidade de acordo com níveis sociais e também culturais aparece em Agulhon (1977); no caso dos cafés, veja o instigante trabalho de Monterde (2007).

5 MINUTE BOOK, 1826-1832, v. 1, Reunião de 17 ago. 1826.

6 MINUTE BOOK, 1826-1832, v. 1, Reunião de 11 ago. 1832.

7 MINUTE BOOK, 1826-1832, v. 1, Reunião de 30 jul. 1832.

8 A empresa Smith & Elder foi responsável pela publicação de obras de John Ruskin, Charlotte Brönte e William M. Thackeray, Elizabeth Gaskell, George Eliot entre outros. O coproprietário Georg Smith foi ainda o fundador do periódico *The Cornhill Magazine* (1859), cujo editor era Thackeray, e do vespertino *The Pall Mall Gazette* (1865).

Cf. DRABBLE, 1996, p. 923-924.

9 MINUTE BOOK, 1826-1832, v. 1, Reunião de 17 ago. 1826.

10 "Tendo o Sr. Kietchen apresentado ao Comitê a lista dos livros depositados no Book Club do Rio de Janeiro com os respectivos preços de custo originais, o Comitê autorizou esse Cavalheiro a comprar a totalidade ou parte das obras em questão, a serem obtidas com uma justa redução do custo original". MINUTE BOOK, 1826-1832, v. 1, 17 ago. 1826.

11 Cf. Contents. In: *Catalogue of the Rio de Janeiro British Subscription Library*. s/p.

12 Cf. diretrizes estabelecidas na reunião de 12/10/1832.

13 *Estatutos do Rio de Janeiro British Subscription Library*, 29 jul. 1863.

14 Para uma análise da repercussão desses periódicos na formação de um novo público leitor no contexto inglês, veja KLANCHER, 1985, p. 76-97. Sobre o papel da "Internacional Romancista" como matriz para a prosa de ficção brasileira, consulte: MEYER, 1993, p. 47-72.

15 Para resolver as muitas charadas, presentes nas páginas do catálogo, que envolvem o uso de abreviaturas, de pseudônimos e a omissão do primeiro nome das escritoras, foram consultadas Drabble (1996) e Todd (1991).

16 Conforme afirma Goulemot: "Lemos Gallimard, Éditions de Minuit, diferentemente: o que significa que a reputação pública destas casas prepara uma escuta: do severo ao razoável, do sério ao enfadonho, o sentido já está dado" (GOULEMOT, 1996, p. 113).

17 *The Rio News* foi publicado a partir de 1873 com três edições mensais e tinha representante em Nova York. *The Anglo-Brazilian Times* foi publicado a partir de 1865 com quatro edições mensais e tinha por proprietários William Scully e James Scobell, além de representantes em Londres.

18 "The new catalogue" (THE RIO NEWS, 15/04/1882, p. 3).

19 "Library matters" (THE ANGLO-BRAZILIAN TIMES, 09/02/1883, p. 2).

20 "Library matters" (THE ANGLO-BRAZILIAN TIMES, 09/02/1883, p. 2).

21 "Library matters" (THE ANGLO-BRAZILIAN TIMES, 02/03/1883, p. 2).

22 Também republicado no mesmo jornal no dia 05/10/1887, p. 2.

23 "British Subscription Library. To the Editor of Rio News" (THE RIO NEWS, 28/10/1889, p. 3).

24 "British Subscription Library. To the Editor of Rio News" (THE RIO NEWS, 28/10/1889, p. 3).

Nelson Schapochnik. Professor Doutor - Departamento de Metodologia do Ensino e Educação Comparada e do Programa de Pós-Graduação em Educação - Faculdade de Educação - USP - Universidade de São Paulo - Rua da Universidade, 308, CEP: 05508-040, São Paulo, São Paulo, Brasil.

Recebido em 02/11/2015

Aprovado em 16/02/2016